

NO PRELO

Edição 01 - Setembro 2020

Entrevista com
Marina de Abreu

Resenhas
Literárias

CEFET-MG
Novo pólo de
Editoração

A sobrevivência dos
sebos do
Maletta

Pólo de Editoração em Minas

Conheça o curso de Letras do Cefet-MG voltado para a editoração e que se transformou em referência para estudos editoriais e formação de revisores.



Cefet-MG, campus Nova Suíça

Quando se pensa em Cefet-MG, imediatamente nos vem à cabeça os vários cursos de engenharia e de exatas ofertadas pela instituição. Porém, a existência de um curso nos chama atenção, a presença do curso de letras, o único da área de humanas dentro de tal estabelecimento. Seu surgimento se deu em razão do engajamento de vários profissionais da instituição que desejavam criar um curso na área, mas que pudesse oferecer maiores possibilidades profissionais a seus alunos. Atentos ao fato de que muitos egressos não desejam atuar

como professores, e de que a letras é um campo mais amplo de trabalho, profissionais do Cefet optaram não apenas por criar um curso de letras, mas um curso pioneiro no mercado editorial. Assim, surgiu a graduação com ênfase em Tecnologias da Edição.

Transcorridos alguns anos desde sua criação, já se formaram algumas turmas da graduação, já sendo possível aferir o alcance e qualidade do curso implantado. Um dos caminhos seguidos pelos graduandos foi a continuidade de estudos no próprio Cefet-MG, através do mestrado em Estudos de Linguagem. Esse foi, in-

Isabela C. S. Mesquita e
Roberta De Bon S. Mesquita

clusive, o caminho de Danielle Freitas, doutoranda em estudos literários. Sua intenção é de seguir pelo campo acadêmico como pesquisadora e professora universitária, tendo a mesma relatado sobre sua experiência na instituição. Como Danielle nos afirma, “o Cefet-MG possui ótimos profissionais, embora ele peque por não equilibrar teoria com a prática. Só fui ter acesso ao laboratório no meu último período de faculdade.” Dificuldade essa também compartilhada por Renata Silveira, formada na mesma turma de Danielle. Renata seguiu o caminho da editoração e hoje trabalha na Editora Autêntica. “Para mim, um ponto forte do curso foram as oficinas de revisão, que muito me ajudaram, e achei que foram na medida certa. Acredito que a experiência venha no mercado de trabalho.”

“O Cefet-MG já é uma referência não apenas em Minas Gerais, mas em todo Brasil”.



Ana Elisa Ribeiro, professora do curso

Idealizadora do curso, Ana Elisa Ribeiro é uma referência no campo. Viveu as mesmas dificuldades ao se formar e por isso, visualizou um curso que pudesse atender a outras demandas do mercado. Como nos afirma “O Cefet é não apenas famoso, mas respeitado na área de Exatas. E sempre será. É uma história de cem anos. O problema é a instituição realmente perceber que é mais diversa do que isso, mostrar em suas ações diárias. Poderíamos ser excelentes também em outras áreas. Isso é estar atento a demandas sociais, como uma instituição pública deve estar. Ao mesmo tempo em que somos “patinhos feios”, temos um perfil de formação em Letras que um Cefet teria mais condição de oferecer. Não é à toa que este curso, que já tem impacto na cidade e nos estudos de edição no Brasil, está aqui”. O Cefet-MG já é uma referência não apenas em Minas Gerais, mas em todo Brasil formando editores e revisores atentos às necessidades do mundo editorial.

Um estranho no ninho

A graduação em letras do Cefet-MG tem menos de 10 anos de

existência, e apesar de tão jovem já foi considerado o curso mais concorrido no vestibular de 2016 na instituição. Embora seja disputado, o curso vive um paradoxo, pois não é muito conhecido dentro do próprio Cefet-MG. Em uma rápida conversa junto a um grupo de alunos do último ano do ensino técnico investigamos os cursos escolhidos para o vestibular 2017. A maioria cita cursos na área de engenharia, outros química, direito e até mesmo medicina. Quando perguntamos o porquê de ninguém mencionar letras, tivemos a surpresa. Ninguém sabia que o curso era ofertado na instituição. Camila Santos Ribeiro, 17 anos e aluna de equipamentos biomédicos, diz que não há nenhuma divulgação por parte dos professores e emenda com a pergunta “letras tem muitos alunos? Como as pessoas descobriram? Eu estou aqui há 3 anos e nunca soube! Mas é bem legal saber que o Cefet tem um curso assim.”

Alguns alunos apontam que a falta de representatividade e visibilidade do curso é decorrente de um esquecimento por parte da direção da instituição. Uma das soluções propostas seria a participação ativa dos alunos em grêmios, eventos e festas, chamando atenção para as demandas enfrentadas. “Temos que participar dos eventos para que o pessoal veja que nós existimos e que estamos aqui” diz Adriana Soares, aluna do 2 período.

Desafios Internos

O curso de letras ainda enfrenta vários desafios internos. Uma queixa geral é a falta de infraestrutura para um curso voltado para a editoração. Danielle Freitas foi uma das primeiras alunas formadas pela instituição e diz que enfrentou dificuldades pela falta de prática em laboratórios de edição. “Muitos estágios em editoras exigem que tenhamos conhecimentos de programas em editoração

e eu senti muita falta disso”, afirma Daniella.

Outra reclamação é a carga horária excessiva que sobrecarrega os alunos. O excesso de disciplinas na grade curricular prejudica o aluno duplamente, uma vez que não apenas o estudante não consegue se formar dentro dos quatro anos de curso, como também não consegue absorver todo o conhecimento que é passado, e não consegue se dedicar a todas as matérias. A presença de aulas aos sábados acaba por ser prejudicial a muitos alunos, que não podem frequentá-las porque trabalham nesse dia. Segundo o coordenador da graduação de letras, Luiz Henrique Oliveira, existe um trabalho por parte da instituição para mudar essa realidade. A mudança seria feita por meio da redução de matérias e da extinção das aulas aos sábados, o que facilitaria bastante para os alunos.



Renata Silveira, ex-aluna do Cefet-MG

Para mim, um ponto forte do curso foram as oficinas de revisão, que muito me ajudaram, e achei que foram na medida certa. Acredito que a experiência venha no mercado de trabalho.” Renata Silveira

Os sebos e o mundo digital

A sobrevivência dos sebos do Maletta

Marina Eliza de Oliveira Guedes
Wemerson Felipe Gomes



Janaina Matos, da livraria e sebo Opção, lamenta que com o surgimento das plataformas virtuais de venda de livros os “garimpeiros” desapareceram dos sebos

Dos 22 sebos que operavam no Edifício Maletta, em Belo Horizonte, em 2016, apenas 17 continuam funcionando em 2019. Essa diminuição de sebos pode ser atribuída, sobretudo, ao surgimento do ebook: apontado, por alguns comerciantes de livros, como o responsável por desestabilizar o lugar dos sebos nos últimos anos.

Os donos de sebos do Edifício Maletta, importante centro cultural de Belo Horizonte, têm relatado como a chegada da internet impacta o comércio de livros, sobretudo neste momento em que as estruturas do mercado editorial se encontram fragilizadas. Segundo pesquisa da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), entre 2006 e 2018 o mercado editorial brasileiro encolheu 25%. No entanto, embora os ebooks ainda ocupem uma parcela reduzida do mercado, as projeções de vendas de publicações digitais são bastante favoráveis para os próximos anos.

Segundo Davi Faria Costa e Silva, coproprietário do sebo Costa e Silva, a venda tem estado em constante declínio nos últimos treze anos, com cada vez menos público e eventos que promovam a leitura, como feiras de livros. Ainda para Costa e Silva, a internet e os “livros em pdf”, os ebooks de modo geral, estão acabando com o mercado de livros físicos e com a leitura. Para Terêncio de Oliveira, que antes de adquirir o sebo Primeira à Esquerda era frequentador dos bares do Maletta, os livros físicos não vão acabar com a chegada dos ebooks, visto que, segundo ele, sempre haverá gosto para todas as suportes de leitura. Ainda para Terêncio, lugares como o Maletta ajudam na manutenção de um circuito de livros impressos a baixo preço: “O pessoal acha que é competição [porque tem muitos sebos no Maletta], mas não é, porque acaba virando um polo. Não precisa divulgar que todo mundo já sabe que é no Maletta que tem sebos”. Janaina Matos, proprietária em, que houve um afastamento do público do espaço do sebo, ou seja, diminuiu o número de pessoas que “garrimpavam” no acervo da livraria.

Para os próximos anos, não se apresenta uma perspectiva única. Mesmo dividindo o espaço físico do Maletta e compartilhando de uma mesma realidade, os proprietários dos sebos não concordam quanto ao futuro deste segmento do mercado editorial. Se alguns enxergam na internet um grande empecilho para a sobrevivência dos sebos, outros acreditam que será a rede a responsável por impulsionar as vendas e restabelecer o equilíbrio.

Por outro lado, consumidores de livros e frequentadores de sebos defendem que a internet oferece praticidade para a compra, mas que ir aos sebos é sempre um momento de lazer.

Mayra Martins, estudante de Letras e moradora da região, diz, por exemplo, que embora os livros digitais sejam mais fáceis de adquirir, ela não abandona os físicos, já que também “gosta de tê-los na estante”. Nesse sentido, a tendência tanto de proprietários como de frequentadores parece ser, em alguma medida, conviver e aproveitar o melhor de cada um dos ambientes: o físico e o virtual.

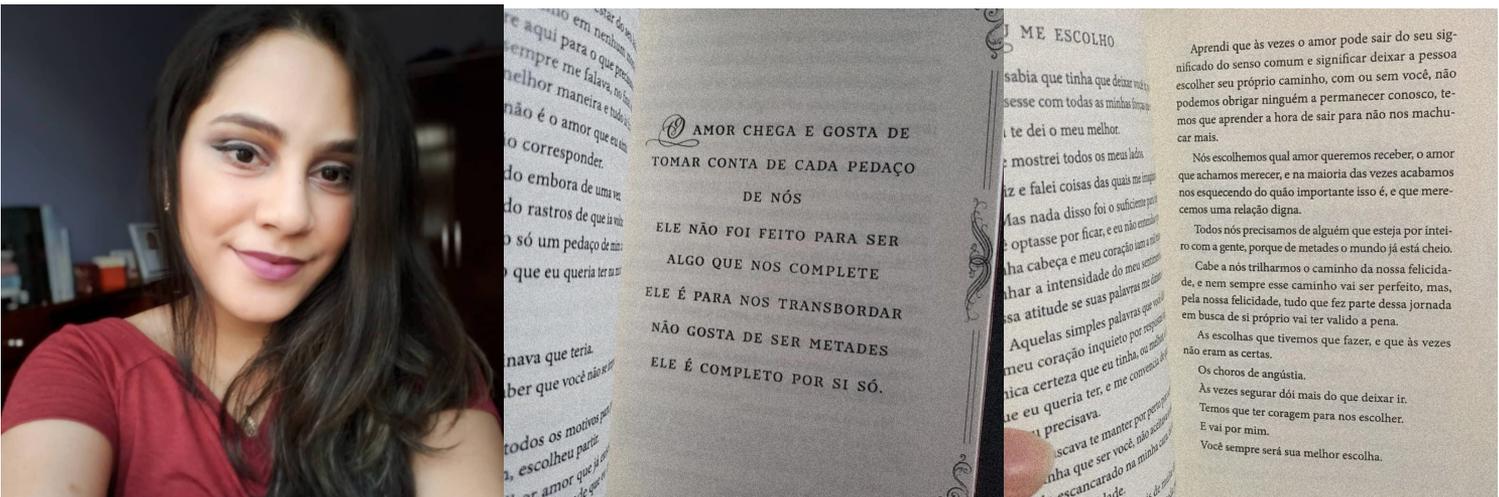
“Embora os ebooks ainda ocupem uma parcela reduzida do mercado, as projeções de vendas de publicações digitais são bastante favoráveis para os próximos anos.”



Corredor do edifício Maletta

ENTREVISTA

Marina de Abreu é uma jovem escritora de 20 anos e estudante de serviço social. Em Agosto, lançou seu primeiro livro pela editora Viseu. É um romance sobre a tempestade que é passar e sobreviver a um relacionamento abusivo. Nessa entrevista Marina nos conta sobre o processo de publicação de sua primeira obra.



Marina de Abreu e trechos do livro

Quando você começou a escrever?

M: Eu sempre gostei muito de escrever, mas eu guardava só pra mim até um dia uma amiga leu e disse que eu escrevia bem, que deveria publicar. Eu fiquei com aquela pulga atrás da orelha, e fiquei pensando... será? Um dia decidi arriscar e decidi pesquisar as editoras. Funciona assim você começa a procurar as editoras e eles decidem se publicam seu material. Eu já tinha uns textos prontos,

eu juntei todos os que eu tinha e mandei. Depois que eu decidi que eu ia escrever o livro mesmo, eu ainda continuei escrevendo.

“Eu já tinha um material para mandar para a editora, não mandei tudo, foi só uma parte dele.”

Como foi o processo de achar uma editora?

M: Foi pesquisa mesmo, pela internet. Fui pesquisando, e fui vendo

aquelas que eu sentia segurança. A gente tem que ver qual é séria, qual não é. Aquelas que eu via que eram mais sérias, eu procurava e pedia para fazer uma avaliação, aí a editora te retorna e fala se eles têm interesse ou não.

Como foi a abordagem?

M: Geralmente no próprio site e da editora tem uma parte dedicada a novos escritores, aí você só clica, escreve um e-mail e anexa o que você já tem e pelo próprio

Site da editora você encaminha esse e-mail e eles te retornam. Eu olhei com umas seis editoras, eles falavam como era o processo de publicar sua obra pela editora deles. Mas eu recebi não de algumas e sim de outras. Como essa editora não é de Belo Horizonte, o processo de negociação foi todo por e-mail. No final, eu fechei o contrato e paguei 50% pela publicação e eles arcaram com os outros 50%.

Você acompanhou a produção do livro?

M: Acompanhei tudo! O primeiro passo é a capa, você explica como é a capa que você quer, mas foi um processo de troca de e-mails, eles me mandando modelos, eu sugeria mudanças, aí me apresentavam outro modelo, e assim foi... Aí depois fomos para a parte da edição em si, de passar pelo revisor, checar os erros de ortografia, foi uma etapa muito minuciosa. Pensar também nos capítulos, foi assim até a etapa final. Depois veio a parte de lançamento e divulgação do livro, que achei bem desafiante. Esse mercado literário não é tão valorizado quanto deveria no Brasil. E teve outro desafio que foi lançar um livro durante a pandemia, então tive que fazer tudo digital. Fazer live de lançamento, apostar no ebook, já que as pessoas não podiam ir nas livrarias comprar.

“Esse mercado literário não é tão valorizado quanto deveria no Brasil. E teve outro desafio que foi lançar um livro durante a pandemia...”

A editora te deu algum suporte nesse lançamento?

M: Faz parte do contrato que eles teriam de me ajudar na divulgação. Geralmente, eles promovem encontros em livrarias, só que com a pandemia e o confinamento não puderam fazer muita coisa presencialmente, mas tudo que eles puderam em âmbito digital, eles fizeram. Participei de entrevistas online, divulgaram como audiobook, nos canais deles. Você pode falar um pouco da sua editora?

Você pode falar um pouco da sua editora?

M: É uma editora média, que publica os mais variados gêneros. É do Paraná e tem tradição por lá. Eu a escolhi porque me passou seriedade e porque me senti acolhida como uma autora nova e sem experiência. Eles trabalham com outros autores de Belo Horizonte e eles têm um perfil de investir no autor iniciante e não têm preconceito com o jovem escritor. Têm um público bem amplo. Eu gostei porque eles respeitam muito a figura do escritor/ autor.

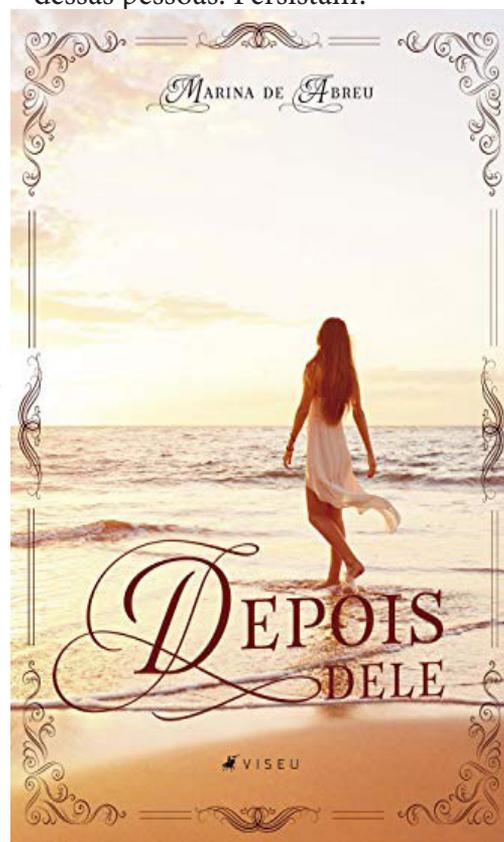
Marina, fala sobre seu livro “Depois dele”...

M: Então, é um romance em primeira pessoa, na qual coloco uma parte do meu coração. É uma narrativa, na qual a personagem passa por todas as fases de um relacionamento abusivo. Ele trata o início, que quando a pessoa se apaixona e acha que tudo são flores, depois ela vai percebendo que o lugar dela não é naquele relacio-

namento, que as coisas que ocorrem não estão certas, aí no final ela se liberta dessa relação e vê que está melhor sempre aquela pessoa. A escrita é feita em cartas que escrevo para o meu companheiro abusivo, é como se eu falasse pra ele e para mim mesma.

Quais dicas você daria para outros escritores que querem publicar pela primeira vez?

M: Não tenha medo, escrever esse livro foi umas das coisas mais loucas que fiz. Se você gosta de escrever, vai em frente e se arrisque. Segundo, organize-se, programe-se, escolha uma boa editora, pesquise muito até encontrar uma editora que te passe confiança. Ouça sua intuição, não dê ouvidos a quem falar que ser escritor não leva a nada, tem gente que gosta de botar os outros pra baixo e é fácil desistir quando estamos perto dessas pessoas. Persistam!

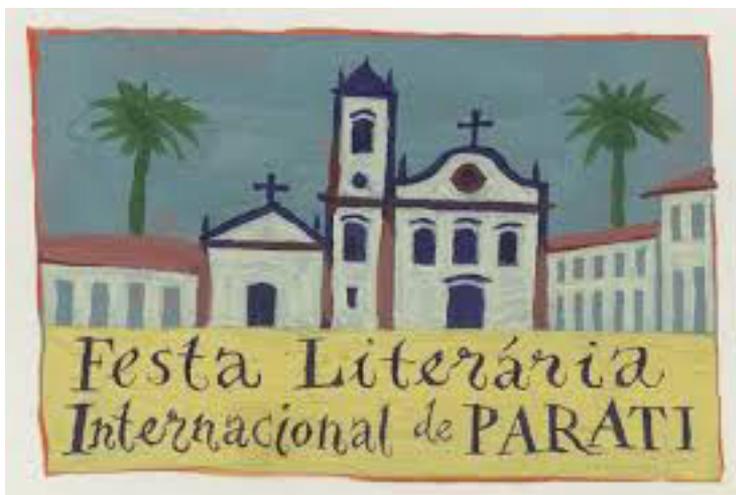


Flip 2020 é adiada

Maristela Costa Martiniano

Na segunda quinzena de março de 2020 os organizadores da Festa Literária Internacional de Paraty, anunciaram o adiamento da 18ª edição do evento. Tradicionalmente com acontecimento no mês de julho, a esperança era de que a Festa possa acontecer em novembro deste ano.

Conforme a pandemia foi se agravando no Brasil inteiro foram adotadas medidas de distanciamento e isolamento social com intuito de preservar a saúde e a segurança de todos.



Diante desse cenário a Flip anunciou com pesar o adiamento para novembro:

“Conscientes do impacto no cenário cultural brasileiro e na economia local, estamos trabalhando remotamente para manter a estrutura, a missão e os ideais da Flip em dia para a sua realização em novembro de 2020. Agradecemos

o vital apoio do nosso público, das instituições, patrocinadores, apoiadores, parceiros e colaboradores. Que o espírito coletivo e o senso de comunidade que sempre marcaram a Flip nos ajude a todos a atravessar estes tempos desafiadores.”

A organização publicou o comunicado no site oficial do



Vai ter cultura antirracista durante a pandemia sim!

Maristela Costa Martiniano

A filósofa Djamila Ribeiro teve um de seus livros circulando entre os mais vendidos durante a pandemia.

O livro Pequeno Manual antirracista, vendeu mais de 3.000 exemplares durante até o mês de julho de 2020. A conquista foi celebrada nas redes sociais da escritora que exaltou outras escritoras que tratam de temas antirracistas e que também tiveram um cresci-

mento exponencial alavancados pelo movimento nos Estrados Unidos “Black lives matter”, iniciado principalmente pela assassinato de George Floyd, cometido por um policial branco, em Minneapolis.

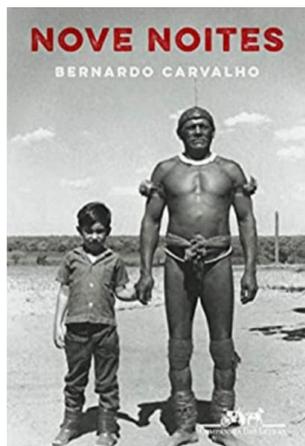
Carolina Maria de Jesus, Sueli Carneiro, Ana Maria Gon-

çalves e Conceição Evaristo são as outras escritoras que tiveram aumento de vendas.

Houve celebração por parte de movimentos antirracistas e antissexistas pela conscientização e fortalecimento de mulheres negras.

Resenha Literária

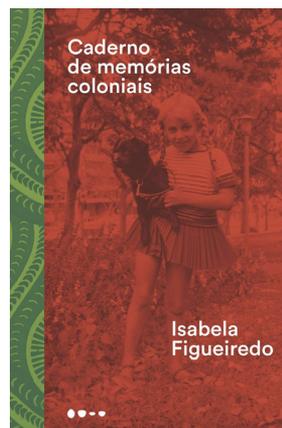
Roberta De Bon S. Mesquita



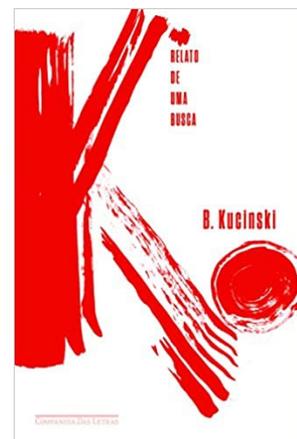
O livro *Nove Noites*, de Bernardo Carvalho, retoma um fato histórico que foi a morte de sociólogo americano Buell Quain no Brasil. A partir desse fato ocorrido no final da década de 1930, Carvalho desenvolve uma trama complexa com duas narrativas em diferentes momentos históricos e cheia reviravoltas. O livro demandou profunda pesquisa, posto que menciona notórios sociólogos que de fato existiram e estiveram no Brasil durante o período em que se passa uma das narrativas assim como aborda sobre algumas tribos indígenas brasileiras. De uma sagacidade vista apenas em grandes autores, Carvalho deixa sua marca no leitor de *Nove Noites*, o qual não se sente a mesma pessoa depois de ler essa obra-prima



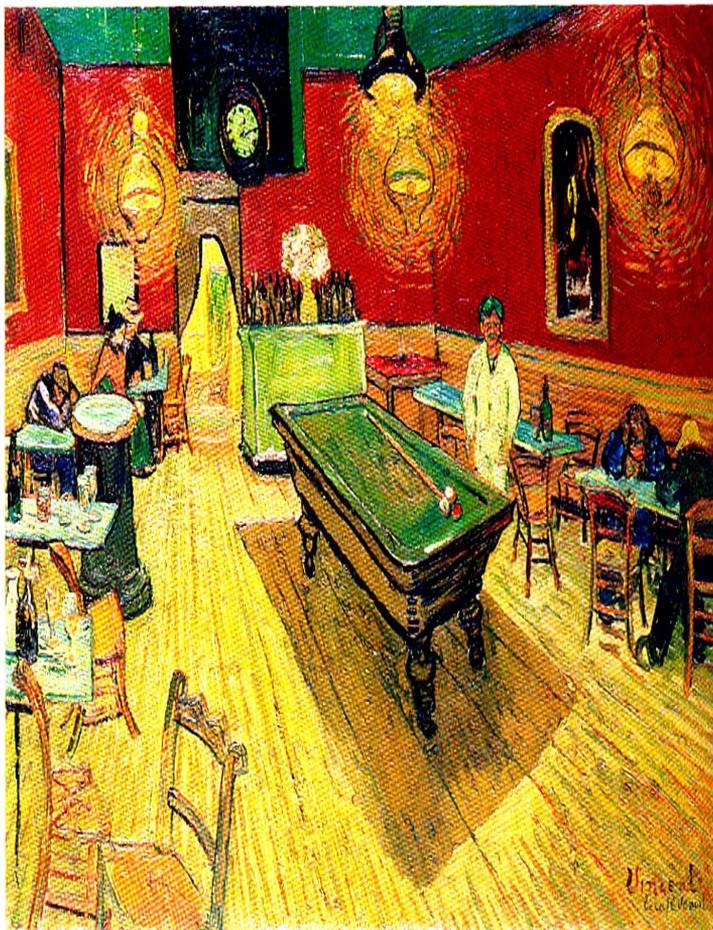
Caderno de Memórias Coloniais, de Isabela Figueiredo, retrata sobre a vida da autora, uma mulher branca, em Moçambique durante o final do império colonial português na África. A protagonista é filha de um colono igualmente branco, porém racista e todos os fatos se passam através do ponto de vista dessa personagem-narradora que conta suas experiências em um país marcado pela separação racial entre pretos e brancos. Figueiredo aponta a discrepância socioeconômica pautada na segregação racial assim como aborda a violência vivida pela mulher preta. As experiências de Figueiredo também perpassam pela sexualidade e pela repressão às mulheres de seu desejo e de sua vontade. O leitor certamente ficará impactado com essa narrativa tão sincera de quem viveu em um país colonizado.



Esse livro é assinado por Noemi Jaffe, mas parte do livro corresponde ao diário de sua mãe, Lili Jaffe, uma judia iugoslava que foi mandada a um campo de concentração. Lili Jaffe, na época Stern, narra sua experiência em diferentes campos de concentração, principalmente em Auschwitz, com a sensibilidade que apenas alguém submetida ao lado mais desumano do ser humano é capaz de demonstrar. A segunda parte do livro ainda conta com reflexões de Noemi Jaffe assim como de sua filha, as quais visitam o campo de concentração de Auschwitz e contam suas impressões e sentimentos, principalmente por ter sido um dos locais aos quais Lili foi mandada.



A narrativa de Bernardo Kucinski possui um profundo ar introspectivo do início ao fim. A narrativa se centra em K., pai de Kucinski, um judeu erradicado no Brasil e que, do dia para a noite, vê sua filha caçula simplesmente desaparecer. Poderia ser um dos incontáveis casos de desaparecidos que permeiam o Brasil, se não fossem dois detalhes: o momento histórico em que ocorre e quem desaparece com essa personagem cuja presença se faz através da própria ausência. A narrativa se passa em plena ditadura militar e quem sequestra a filha de K. é justamente o governo que deveria oferecer proteção a ela. Kucinski centra na história de seu pai em busca de sua irmã, da verdade assim como por respostas.



“O café à noite” de Van Gogh

O Jornal Relevo, de Curitiba, sempre estampa em suas edições uma pequena, mas notória, notinha – que hoje em dia, inclusive, funciona como uma espécie de slogan do periódico: “qualquer coisa, a culpa é do editor”. A despeito do tom irônico – talvez por isso mesmo! –, a frase evidencia uma das características imediatamente atribuídas ao trabalho do editor (entendido aqui como “editor de textos”, malgrado as demais significações que podem recair sobre o termo, como, por exemplo, a de publisher), a saber: adequar textos à norma culta do português brasileiro; em suma: identificar e corrigir erros.

Todavia, o curioso na cena que desdobramos é que, concluído todo o processo, o feitiço se volta contra o feiticeiro: de posse da caneta mágica que risca e aponta erros em textos alheios, o revisor vai para a berlinda quando o texto, com a sua chancela, vem a público (“qualquer erro ...”). Daí que, pretensamente, todo revisor seja (ou precise ser) um bom gramático.

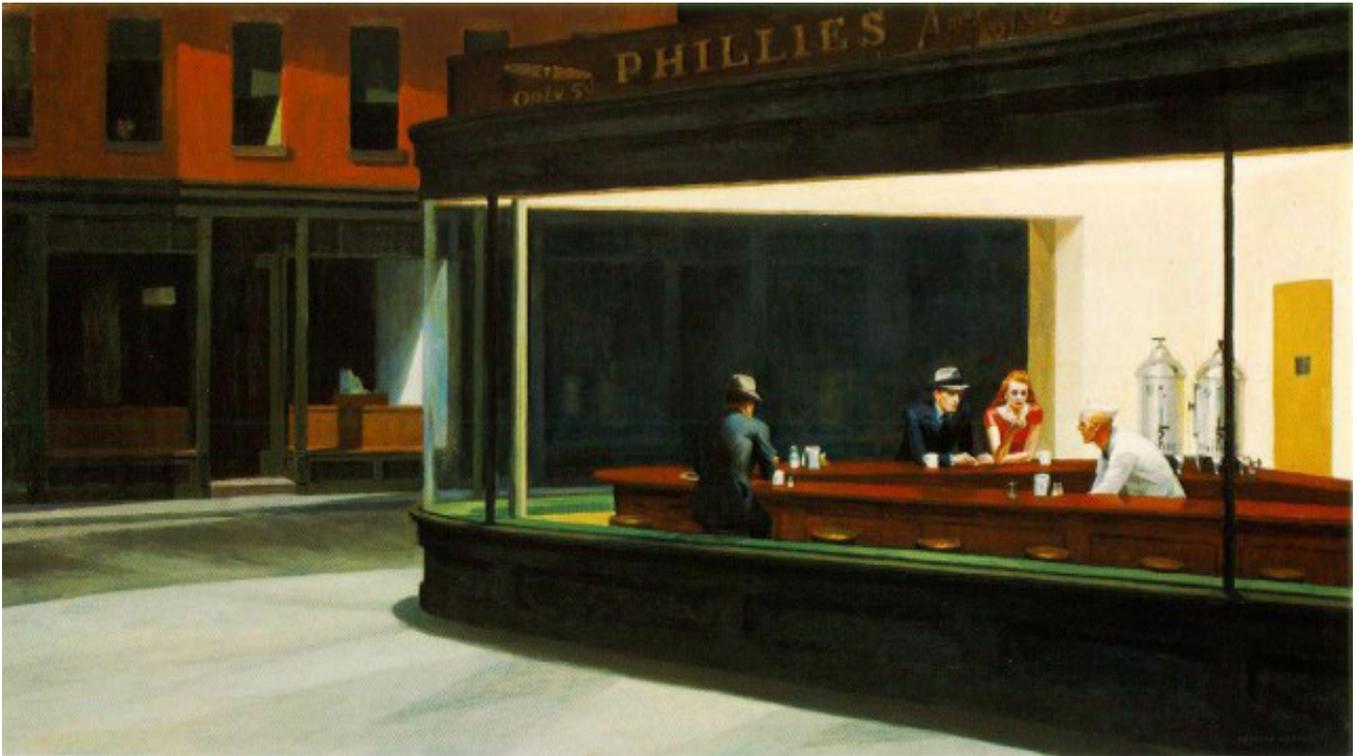
Um revisor, um gramático e um poeta entram em um bar ...

Wemerson Felipe Gomes

Quer dizer, é de posse de um conhecimento sólido, mas não necessariamente normativo (uma vez que é preciso levar em conta a liberdade – e não, talvez, a licenciosidade – poética), que o revisor exerce sua função.

Aqui, no entanto, a questão complica-se: e quando o erro é dotado de finalidade estética? Deixará passar o “erro”, assumindo e justificando, posteriormente, sua escolha diante dos seus pares? Ou não, preferirá embargar o “uso indevido” e, ativo, ouvirá os insultos do autor e de outros entendedores? É dura a tarefa do revisor – especialmente o de textos literários, especialmente o de poesias e prosas poéticas.

A saída (que todavia será apenas uma entrada para outras querelas) talvez esteja em um termo usado, abusado e, por isso mesmo, desgastado: criatividade. Como sugere Franchi (1991), a precária solução talvez possa ser buscada, justamente, entre a gramática e a criatividade. O que seria, por exemplo, do “Nonada” de Guimarães Rosa ou dos poemas de Manoel de Barros nas mãos de um revisor purista e normativista? Claro, mas trata-se de casos singulares,



“NightHawks” de Edward Hopper

normalidade) que, como sugere Deleuze (1993), a literatura mais se realiza?

Seja como for, o que vale sugerir é que entre a licenciosidade (i.e., o vale tudo na língua) e o normativismo (i.e, o vale apenas o gramaticalmente correto) existe um lugar razoável; e, porque não dizê-lo?, criativo. O revisor (e o gramático que existe apregoado nele) precisa mobilizar um série de conhecimentos linguísticos para adequar, de forma coerente e satisfatória, o texto ao fim a que ele se propõe.

“Daí que, pretensamente, todo revisor seja (ou precise ser) um bom gramático.”



Revista No Prelo

Edição 01- Setembro /2020

Ficha Técnica

Editor :

Isabela Cristina Silva Mesquita
Roberta De Bon Silva Mesquita

Revisor:

Isabela Cristina Silva Mesquita
Roberta De Bon Silva Mesquita

Redatores:

Isabela Cristina Silva Mesquita
Marina Eliza de Oliveira Guedes
Maristela Costa Martiniano
Roberta De Bon Silva Mesquita
Wemerson Felipe Gomes

Design Gráfico:

Isabela Cristina Silva Mesquita
Marina Eliza de Oliveira Guedes
Maristela Costa Martiniano
Roberta De Bon Silva Mesquita
Wemerson Felipe Gomes